

Da Verdade, da Matriz e do Púlpito

Evocação histórica da Matriz da Praia da Vitória



A Matriz da Praia da Vitória, fundada no ano de 1456 pelo Capitão do Donatário Jácome de Bruges, seis anos após à data, unanimemente, assinalada pelos historiadores, como o marco inicial do povoamento na ilha Terceira, é um edifício que deve ser lido à luz das catástrofes e dos constrangimentos, sociais e económicos, próprios da insularidade. Majestosa, de estilo gótico, com os seus portais de mármore oferecidos pelo rei D. Sebastião, na data da sua reconstrução de 1577, apontam para uma gramática com reminiscências manuelinas e é um edifício que, devido às suas vicissitudes, mais especificamente os grandes terramotos que assolaram a vila da Praia (1614, 1810 e 1980), deve interpretado à conta dessas condicionantes e entendido, em termos de fachada actual, como um imóvel que sofreu mutações e reedificações condicentes com as épocas em questão. Efectivamente, de original, se conservam os majestosos portais, o óculo, as pias de água benta no interior, algum património móvel e, pouco mais. Na data da sua sagração, a 24 de março de 1517, em pleno renascimento e maneirismo, e que no presente ano de 2017 se celebram os 500 anos, a Matriz da Praia constitui um dos mais belos exemplos de arquitectura edificada nos anos próximos do povoamento.

A Matriz da Praia ladeada na fachada principal por duas torres sineiras adossadas de planta quadrada, cada uma

com uma janela de verga curva na parte inferior, um portal axial tardo-gótico com argo ogival com três arquivoltas lisas, e uma quarta arquivolta exterior trabalhada ao nível da pedra com uma derivação contracurvada, rematada com cogulho, ao gosto manuelino. Todo o conjunto insere-se num gablete saliente, encimado por uma pequena rosácea ou óculo, do mesmo material e estilo do pórtico principal. No frontão da igreja existem seis janelas de verga curva encimadas por duplas volutas para si voltadas e rematadas por um elemento decorativo. Note-se ainda a existência de quatro cartelas: ladeando o gablete duas cartelas com as seguintes inscrições começando pela da esquerda, depois pela da direita respectivamente: «FUNDATA 1456» e «REPARATA 1810». Na cartela central, de forma rectangular que se situa abaixo da rosácea, é possível ler-se «SACRATA 1517». A encimar o pseudo-frontão da fachada outra cartela em forma de triângulo invertido, faz referência à data da sua reconstrução do pós-terramoto de 1841: REPARATA SUB ANO 1843 A RUINA TERRAEMOTUS 15 JUNII 1841. No interior é possível observar o teto reconstruído de madeira e as três naves de seis tramos cada, com capelas laterais, duas capelas colaterais na cabeceira e, por fim capela-mor profunda, onde foram inseridas as relíquias de sagração nas paredes, conforme é descrito pelo Padre Manuel



Foto MAH/DRaC.

Luis Maldonado na *Fénix Angrense*. Nesta capela-mor pode-se destacar o teto em abóboda de canhão ou abóboda de berço em caixotões quadrados com pontas de diamante em relevo, na parte central, muito ao estilo clássico, mais precisamente na retoma do renascimento. O arco triunfal pintado com imitação de marmoreados e aplicações em relevo de talha dourada remetem para estilos mais tardios como o rococó.

O seu órgão de tubos foi construído em madeira de mogno no ano de 1793 por António Xavier Machado e Cerveira, tendo sofrido intervenção de restauro em 1991 sob os cuidados do mestre organeiro Dinarte Machado. Os dois sinos grandes são de 1473, sendo o de menor dimensão datado de 1857.

Na colateral do lado do evangelho destaque para e para o pórtico de ferro forjado e para a respetiva capela do Santíssimo de estilo barroco nacional, do século XVII/XVIII, totalmente revestida a talha dourada, é um bom exemplo deste estilo retabular nos Açores.

Do lado da epístola, na capela do Senhor dos Aflitos, salienta-se o retábulo dedicado a Santa Maria Madalena de gramática maneirista, estilo raro nos Açores, devido à profusão barroca e rococó mais tardia. O maneirismo entra como um proto-renascimento nos Açores e,

portanto, mais escasso. Vítor Serrão escreve acerca destas oito pinturas a óleo sobre madeira, apontando a data da sua execução para os finais do século XVI e de «bom autor».

Destaque para várias peças de arte sacra como é o caso do menino Jesus da Real Protecção, datado do século XVII, oriundo do antigo Mosteiro de Jesus. Conta-se que foi este menino levado por solicitação de D. Maria II, aquando do nascimento de um dos seus filhos. Referência para algumas peças do século XVI, como é o caso de uma caldeirinha de água benta, uma imagem flamenga (ou de influência) de São Cosme, que esteve presente na exposição Europália, realizada na Bélgica no ano de 1991, bem como uma rara escultura de marfim indo-portuguesa, datada do século XVIII. Referência a outras peças de ourivesaria, executadas por ourives locais, porcelanas e faianças, carecem um estudo mais aprofundado. Na sacristia impõe-se o arcaz de jacarandá e uma mesa oval de pedra lioz. A Matriz da Praia da Vitória encontra-se classificada como Imóvel de Interesse Público pela Resolução nº 41, de 11 de Junho de 1980.

ASSUNÇÃO MELO
Instituto Histórico
da Ilha Terceira



INFORMAÇÃO ÚTIL

Igreja Matriz de Santa Cruz

LOCALIZAÇÃO:

Ladeira de São Francisco, Praia da Vitória, ilha Terceira.

COORDENADAS GPS:
38°43'53"N — 27°03'41"O

OUTROS LOCAIS DE INTERESSE NAS REDONDEZAS:

Câmara Municipal (séc. XVI/XVII); Hospital e Igreja da Misericórdia (séc. XVI/XIX); Ermida de S. Salvador (séc. XVII/XVIII); Hospital e Ermida de S. Lazáro (séc. XVII/XVIII); Ermida de N.ª S.ª dos Remédios (séc. XVII/XVIII); Casa Vitorino Nemésio (séc. XVII/XIX); Casa das Tias de Vitorino Nemésio/Biblioteca Pública Silvestre Ribeiro (séc. XVIII/XIX); Estátua de José Silvestre Ribeiro (séc. XIX); conjunto edificado da Rua de Jesus e do Largo José Silvestre Ribeiro (séc. XVIII/XIX).